



A FORÇA POLÍTICA DA PALAVRA: UMA LITERATURA DE TERRA E PUNHOS¹

THE POLITICAL STRENGTH OF THE WORD: AN EARTH AND FINGER LITERATURE

Damiana Pereira de Sousa

Universidade Federal de Goiás (UFG)

damiana.ufg@gmail.com

RESUMO: Este artigo aborda as questões indígena, mostrando como o movimento dos escritores indígenas tem reverberado em conquistas para as pautas indígenas e assim discutindo o cenário da Literatura Indígena no atual contexto brasileiro. Assim, demonstramos que essa Literatura tem reverberado em conquistas para esses povos que são considerados entre os que são gravemente explorados em suas terras e culturas. São também expropriados pelas forças políticas que visam, em primeiro lugar, o viés econômico, embasados na lógica materialista e mercadológica, sem se preocupar com a preservação dos direitos desses povos, direitos de tradição histórica, verificados nas constituições federais ao longo do tempo. Verificamos então, que a aproximação entre Geografia e Literatura se dá justamente no quesito da densa relação entre vida e espaço e através do diálogo que podem promover um aprofundamento nas suas interpretações da realidade. Ressalta-se a importância da valorização da cultura indígena, bem como a necessidade de compreender como a Literatura e a Geografia se aproximam e juntas conseguem explicar essas relações espaciais vivenciados por esses povos na sociedade atual.

Palavras-chave: Literatura Indígena, Geografia e Literatura, Povos Indígenas.

ABSTRACT: This article deals with indigenous issues, trying to show if the movement of indigenous writers has reverberated in conquests for indigenous patterns and thus can discuss the current scenario of Indigenous Literature in the Brazilian context. Thus, it has been demonstrated that this literature has reverberated into conquests for these peoples who are considered among those who are gravely exploited in their lands and cultures. They are also expropriated by political forces that aim first and foremost at the economic bias, based on materialist and market logic, without worrying about the preservation of the rights of these peoples, rights of historical tradition, verified in federal constitutions over time. Verifying then, that the approximation between Geography and Literature happens exactly in the question of the dense relation between life and space and through the dialogue that can promote a deepening in their interpretations of reality. Emphasizing the importance of valuing indigenous culture, as well as the need to understand how Literature and Geography come together and together manage to explain these spatial relationships experienced by these peoples in today's society.

Keywords: Indigenous Literature, Geography and Literature, Indian people.

¹ Esta pesquisa foi orientada pelo Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro, e fez parte da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), Universidade Federal de Goiás (UFG).

INTRODUÇÃO

A partir de estudos realizados por pesquisadores tais como: Maria Geralda de Almeida (2008), Julio Cesar Suzuki (2017), Paul Claval (2007), entre outros, pode-se constatar a relevância de pesquisas geográficas sob a mediação ativa da Literatura. Observa-se também que compõem essa vertente de trabalhos com as populações indígenas. Assim, a temática do presente estudo envolve tais povos e suas causas, tratando especificamente da Literatura de autoria indígena.

Desse modo, pode-se constatar que há estudos recentes que visam mostrar as possibilidades de aproximação entre Geografia e Literatura. Destarte, esses estudos apontam que essa aproximação ocorre justamente no quesito da densa relação entre vida e espaço. Através do diálogo podem promover um aprofundamento nas interpretações da realidade.

Assim, a presente pesquisa visa, de modo geral, evidenciar como a Literatura Indígena tem reverberado em conquistas para esses povos. Identificamos a relação entre Geografia e Literatura, destacando como os geógrafos lêem a Literatura. Assim, Lima (2016), aponta que a escrita indígena é um instrumento que carrega em si potência de visibilizar situações silenciadas pela empresa colonizadora. A autora destaca o pensamento de Eliane Potiguara (2011), pois, essa escritora indígena faz uma profunda reflexão sobre sua inserção no mundo.

Desse modo, a autora divulga por meio de sua escrita o movimento peculiar de vários povos indígenas do Brasil, indicando o uso da palavra escrita como forma de luta política e de registro da cosmovisão e memória ancestral dos povos indígenas que forma o território brasileiro. Considerando a importância da pesquisa referente aos povos indígenas como instrumento de luta pelas suas causas, a escrita de narrativas indígenas nos leva a visibilizar as situações que esses povos passaram e passam no decorrer do tempo histórico. A construção de sua existência é marcada por sangue, extermínio, expulsão, humilhação, pois enfrentam os interesses econômicos que quase sempre não evidencia a dignidade humana dos povos indígenas.

Nesse sentido, a Literatura Indígena é uma forma de comprometimento necessário na luta dos povos indígenas por terra, território, cultura, educação. O seu intuito é contribuir para as mudanças das injustiças sofridas, reescrevendo os capítulos dessa história. Isto posto, pode-se recorrer ao movimento dos escritores indígenas, que segundo Lima (2016), vem utilizando a escrita para se autoafirmar, para denunciar diversos tipos de espoliações e também para divulgação de suas culturas.

A escrita passa a ser utilizada pelos indígenas como um instrumento novo, pois, a força da oralidade marcou por séculos a forma da transmissão e propagação da cultura indígena no território brasileiro. Os textos desses escritores são narrativas feitas em diversos âmbitos, como contos, crônicas, canções, ritos e rituais, em formato de poesias, e também em relatos autobiográficos.

Como podemos observar, de modo geral, na literatura hegemônica atual a escrita indígena ocorre também por misturas de gêneros literários em uma mesma obra. Nesse contexto, essas produções literárias coletivas evidenciam as particularidades das culturas indígenas tornando-se um material de registro da cultura de cada etnia que colaborou com a sua produção.

Nessa conjuntura, observa-se um fenômeno que ganhou destaque no Brasil, sobretudo nas últimas duas décadas, o surgimento de escritores indígenas individuais, onde a grande maioria é formada por sujeitos que saíram das aldeias e migraram para as grandes metrópoles, ou seja, são considerados índios urbanos, desaldeados. Lima (2016) aponta que há ausência de referenciais de estudos geográficos que aborde a especificidade na produção literária realizada por escritores indígenas. Desse modo, torna-se relevante investigar como essa produção literária indígena se constitui e se efetiva no cenário da luta desses povos e como a Geografia e a Literatura se aproximam, pois, segundo a autora a aproximação teórica entre esses dois campos vem crescendo no Brasil.

A LUTA DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

É pertinente que inicialmente apresentemos sucintamente um pouco da história dos povos indígenas no Brasil e para isso utilizaremos do pensamento de Darcy Ribeiro (1922- 1997), grande pensador social, militante político, antropólogo brasileiro e notório estudioso das populações indígenas do Brasil.

Assim, segundo Ribeiro (1995), a civilização européia se impôs sobre a população indígena, primeiro, dizimando-os através de doenças e depois através de guerras de extermínio e escravidão, mas esses foram, segundo o autor, apenas os primeiros passos para o extermínio genocida e etnocida. O autor aponta que os colonizadores usaram os índios como guias, remadores, lenhadores, caçadores, pescadores, criados doméstico, entre outros trabalhos, ou seja, os colonizadores viam nos indígenas a força de trabalho que precisavam para prosperar.

Para o autor a resistência indígena pode ser considerada uma das lutas mais longas e mais sangrentas que se já se travou em território brasileiro. Como podemos observar, RIBEIRO,

(1995, p.30):

Esse conflito se dá em todos os níveis, predominantemente no biótico, como uma guerra bacteriológica travada pelas pestes que o branco trazia no corpo e eram mortais para as populações indenes. No ecológico, pela disputa do território, de suas matas e riquezas para outros usos. No econômico e social, pela escravização do índio, pela mercantilização das relações de produção, que articulou os novos mundos ao velho mundo europeu como provedores de gêneros exóticos, cativos e ouros.

Assim, o autor evidencia as terríveis situações as quais os povos indígenas foram submetidos pelos colonizadores, sobretudo, os portugueses. Diante da invasão européia, os índios defenderam seu modo de ser e viver, principalmente depois que perderam as ilusões dos primeiros contatos pacíficos com os colonos, pois perceberam que a submissão ao invasor representava sua desumanização como bestas de carga (RIBEIRO, 1995).

Desse modo, pode-se constatar as atrocidades que os povos indígenas do Brasil passaram ao longo dos anos, a resistência foi a única forma que eles encontraram para continuar existindo. É resistir para existir. Mesmo enfrentando os colonizadores, bandeirantes, fazendeiros, coronéis, muitos povos foram cruelmente dizimados. Alguns segmentos indígenas dizem que há cheiro de sangue na história do Brasil.

Ainda, segundo Ribeiro (1995), para os europeus os indígenas pareciam apenas belos seres inocentes, ou seja, seres que não tinham noção da realidade que os cercavam, no entanto, com um defeito muito grande, eram “vadios”, não produziam nada que poderia ter algum valor comercial. Porém, com a descoberta do Pau-Brasil os europeus mudaram o foco dos seus interesses, pois, era necessário mão de obra para retirar a madeira.

Por conseguinte, os europeus colonizadores conseguiram usar os indígenas como mão de obra para carregar o Pau-Brasil através do chamado “cunhadismo”^{2 1} e assim, conseguiram colocar diversos indígenas para trabalhar na extração da madeira, mas houve resistências por meio de enfrentamentos físicos e fugas.

Conforme Franca et al (2013), a luta dos povos indígenas começou de fato desde os primórdios da colonização, pois segundo as autoras do início da colonização até meados do século XX, os grupos nativos constituíam a temática de inúmeras obras artísticas, literárias e antropológicas. No entanto, como não houve a preocupação para esses povos serem

² Prática pelo qual os europeus conseguiram fazer com que diversos indígenas trabalhassem na extração do pau-Brasil. Cada aldeia levava uma moça para casar-se com os respectivos europeus, se ele mantivesse relações sexuais com a moça, então se tornava “cunhado”, e passava a ter sogro, sogra, genros, passava então a ser parente. Assim, os portugueses conseguiram colocar milhares de índios a serviço deles.

representados pelos próprios membros, eles permaneceram sendo retratados por um olhar estrangeiro que se considerava superior.

Franca et al (2013), aponta ainda que o contato entre portugueses e índios, naquele período, foi permeado pela curiosidade e estranhamentos. Mencionado anteriormente por Ribeiro (1995). A relação entre os povos indígenas e os portugueses a partir desse ponto é marcada por extrema violência.

Desse modo, as autoras destacam que a Literatura Indígena pode contribuir de forma significativa, não gerando um apagamento da memória de violência, mas para a preservação e valorização da língua e cultura indígenas, pois, segundo as autoras esse movimento dos escritores indígenas vem ampliando a possibilidade de transmissão de conhecimento e interação social e política entre os povos indígenas e a “sociedade nacional”. Como podemos perceber, FRANCA, et al, (2013, p.71) dizem:

A literatura escrita indígena vai além da publicação de livros com a temática indígena. Ela contém a possibilidade de autorepresentação de povos que por vezes foram mantidos em categoria secundária no panorama político e cultural nacional. Essas e outras conquistas são frutos da reivindicação dos próprios indígenas. E é nesse cenário que surgem autores como Daniel Munduruku, Olivio Jekupé e Eliane Potiguara, entre outros.

A partir destes apontamentos é possível destacar que o processo pelo qual os povos indígenas enfrentaram e continuam enfrentando na atualidade reforçam a necessidade de enfatizar as causas desses povos. Conforme as autoras enunciadas, a Literatura Indígena deve ser compreendida como um documento capaz de portar a visão de um mundo, de um determinado povo, seus hábitos, seus costumes etc. Assim, a Literatura Indígena é capaz de mostrar ao mundo inteiro sua relevância como cultura e o valor que possuem enquanto povo.

As autoras concluem que o Brasil, por seu processo histórico, deve valorizar as nuances de sua cultura nacional, reconhecendo o devido valor da produção literária indígena. (Franca et al, 2013). Pois, ao entender os aspectos que influenciaram seu surgimento é possível compreender a importância desses documentos e sua contribuição para a cultura nacional. Tendo em vista que um conhecimento mais sólido acerca das culturas indígenas pode ser capaz de reduzir e até mesmo extinguir as marcas causadas pelo etnocentrismo. E que os documentos produzidos pelos povos indígenas oferecem uma nova perspectiva à cultura nacional. Os povos indígenas que por muitos anos viveram em situação de desvantagem social, possuem ferramentas para reescrever a história do Brasil, a partir da história do seu

povo. Assim, estudar as formas de representação utilizadas por esses escritores indígenas é uma maneira de garantir a preservação da memória desses povos, ao facilitar e beneficiar o acesso à informação a sociedade.

Atualmente, há no território nacional cerca de 305 povos indígenas que ocupamem torno 12 a 13% do território nacional,(Censo, 2010). Devido à violência estabelecida no período da colonização criou-se o processo genocida desses povos, resultando na redução da população. A população indígena encontra-se concentrada na região Norte, seguida da região Nordeste e Centro-Oeste.

Quadro 01: Populações Indígenas no Brasil de 1991 a 2010		
POP. INDÍGENA 1991	POP. INDÍGENA 2000	POP. INDÍGENA 2010
294.148	734, 127	896, 917
Rural 223.205	Rural 350.828	Rural 572.083
Urbana 71.026	Urbana 383.298	Urbana 324.834
Etnias	Etnias	Etnias
-	220	305
Línguas/ Dialectos	Línguas/Dialectos	Línguas/Dialectos
-	170	274

Fonte: Silva, 2016/IBGE, 2010

Assim, os dados do quadro 01 mostram que a população indígena no Brasil autodeclarada em 2010 está entre 896. 917, ou seja, cerca de 0,47% da população brasileira, com aproximadamente 305 etnias e 274 línguas e dialetos. Contudo, o quadro 02 mostra como essa população indígena está distribuída em população urbana e rural.

Quadro 02: População Indígena em áreas urbana e rural no Brasil	
POPULAÇÃO INDÍGENA EM ÁREA URBANA	POPULAÇÃO INDÍGENA EM ÁREA RURAL
Indígenas vivendo em TI 25.963	Indígenas vivendo em TI 491.420
Indígenas vivendo fora da TI 298.871	Indígenas vivendo fora da TI 80.663
TOTAL - 324.834	572, 083

Fonte: Silva, 2016/IBGE, 2010

O quadro 03 mostra a quantidade de indígenas que vivem em áreas urbanas e rurais por regiões brasileiras.

Quadro 03: População Indígena em área urbana e rural por regiões brasileiras			
REGIÃO	POPULAÇÃO INDÍGENA EM ÁREA RURAL	POPULAÇÃO INDÍGENA EM ÁREA URBANA	TOTAL
Norte	244, 353	61, 520	305, 873
Nordeste	102, 541	106, 150	208, 691
Centro-Oeste	96, 256	34, 238	130, 494
Sudeste	18, 697	79, 263	97, 960
Sul	40, 936	34, 009	74, 945

Fonte: Silva, 2016/IBGE, 2010

Logo, observa-se que a maior parte das terras indígenas e dos povos está na Amazônia, e, o restante nas demais regiões brasileiras. Nos estados do Amazonas e Mato Grosso do Sul, habitam, respectivamente, 20% e 9% da população indígena do país.

Gráfico 01



Fonte: Silva, (2010) adaptado pela autora.

Assim, os dados do gráfico acima apontam que cerca de 38% dos povos indígenas do Brasil

estão distribuídos na região Norte do Brasil, 26% na região Nordeste, 16% na Centro-oeste, 11% na região Sudeste e 9% na região Sul, confirmando o que os quadros evidenciaram.

A violência direcionada a esses povos não estagnou com o processo de urbanização/modernização do Brasil, pois, ainda hoje os povos indígenas sofrem diversos tipos de violência. Conforme relatórios da Organização das Nações Unidas – (ONU) e do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), houve um aumento no número de indígenas assassinados e as maiorias dos assassinatos estão relacionados aos conflitos por terra. Conforme o relatório há registros de suicídios, espancamentos, ameaças, entre outras formas de violência e até mesmo mortes de crianças por falta de cuidados necessários. Observa-se que esse quadro de violência não está restrito a zona rural e as terras de povos indígenas.

Nesse sentido, o aumento de pessoas indígenas residindo nas cidades os coloca em situações marginalizadas nos ambientes urbanos somados as dificuldades de adaptação, pois, a partir de década de 1960 começou a ocorrer um movimentomigratório de indígenas em direção as grandes cidades. De forma bem organizada surge as primeiras tentativas do movimento indígena em busca de segurança física e cultural para os povos indígenas do Brasil.

Potiguara (2004), trata dessa questão especificando as lutas da mulher indígena. A sua obra descreve os valores destruídos pelo poder dominante e a força da ancestralidade em lutar por suas causas, seus costumes, a força das tradições medianteo consumismo e a exclusão social. Aborda também a luta do movimento indígena e sua migração por causa da violência a sua cultura e suas consequências. A autora tratatambém do papel fundamental da mulher indígena no contexto cultural.

Ainda Potiguara (2004),utiliza da força da palavra, a força da escrita para lutar pela causa dos povos indígenas, através de relatos autobiográficos e poemas autoria própria a autora apresenta histórias de lutas dos povos indígenas para manter sua cultura tão subjugada a partir de uma perspectiva feminina. Destarte, a autora busca conscientizar as pessoas sobre a questão indígena e sobre o papel que os indígenas podem desempenhar em uma sociedade multicultural. É pertinente destacar quePotiguara objetiva também com suas obras conscientizar as próprias mulheres indígenas sobre suas condições na sociedade.

Com o intuito de aprofundar as análises sobre a temática, torna-se pertinente introduzir apontamentos do escritor indígena Daniel Munduruku, objeto de estudo desta pesquisa sobre as lutas desses povos e como ele enxerga as contribuições da Literatura Indígena para suas causas.

Como foi dito, o sofrimento pelo qual os povos indígenas foram e ainda são submetidos é

algo imensurável, pois, estes povos tiveram suas terras e culturas expropriadas por aqueles que Daniel Munduruku chama de invasores, caçadores de riquezas e de almas. Na ânsia de alcançar mais riqueza passaram por cima da memória e foram escrevendo no corpo dos vencidos uma longa história de dor e sofrimento. Muitos povos indígenas ficaram sem terras, sem teto, sem história e sem humanidade. Assim, as lutas de resistências desses povos pela terra e suas tradições se mantêm e se fortalecem. E conseqüentemente, surgem diversos empecilhos para os indígenas que buscam na palavra uma forma de luta. MUNDURUKU, (2010, p.67) diz:

(...) povos indígenas inteiros tem sofrido as conseqüências de viver em contato permanente com uma sociedade que lhes prendem em conceitos que os tornam menores e marginalizados. A isso se inclui a negação da identidade cultural. Se, por um lado, manter-se indígena é condição fundamental para o reconhecimento étnico – pois assim a sociedade complexa pode manipulá-lo – aprender e conviver com a sociedade em igual condição é considerado um abandono de identidade. Em outras palavras: se vou para a universidade e compreendo a lógica do ocidente, acabo desqualificado como membro de uma sociedade indígena. Ser indígena, na lógica ocidental, é manter-se no atraso cultural. Ao pertencer ao mundo globalizado, perco minha afirmação étnica. Essa forma de pensar tem ocasionado sérias crises de identidade em nosso meio. (...) As conseqüências disso são o sofrimento, a dor, o suicídio.

Nessa lógica, sob um viés indígena, a memória dos povos nativos retrocede ao passado colonial brasileiro. Desse modo, segundo o autor, o presente destes povos é legitimizado por experiências do passado e está enraizado no pensamento contemporâneo. Assim, a Literatura pode contribuir no sentido de aproximar as culturas indígenas e fortalecer a luta desses povos. Conforme Munduruku, em entrevista concedida ao Instituto Ecofuturo, a Literatura feita por escritores indígenas tem como foco ajudar seus povos a usar a escrita como porta-voz, a escrita é a força política da palavra. E à medida que isso for acontecendo, aquilo que era apenas um murmúrio irá se tornar um grito consciente e consistente. Para ele a escrita é um procedimento cultural, os índios aprendem a escrever, e o que os escritores indígenas precisam fazer é uma ligação entre o pensamento que domina a cultura e a escrita que aciona e mobiliza esse pensamento. O autor aponta que isto é uma questão de tempo e de treino. Os escritores indígenas, segundo ele, já possuem a parte mais difícil, o conteúdo a ser escrito. Com frequência a sua mente é um arquivo de histórias de rios, animais, plantas, vida coletiva. Para que a literatura realizada por escritores indígenas tenha força, Daniel Munduruku

considera que é necessário estimular seus parentes indígenas a colocarem seus pensamentos no papel e dar a ele uma forma literária, acadêmica ou apenas uma reflexão. E quando esses textos chegarem de forma inteligível à sociedade, Munduruku considera que seja essa a forma de contribuição da literatura indígena para diminuir a exclusão social que esses povos ainda estão submetidos.

Neste sentido, a literatura realizada por indígenas na perspectiva de Daniel Munduruku, é o conjunto de manifestações culturais que são reproduzidas pelos próprios indígenas em seus rituais, desenhos, cantos, dança, rezas. É um código que a sociedade não indígena precisa aprender para poder compreender a diversidade dos povos indígenas, sua riqueza cultural, seu modo de vida.

O papel da Literatura Indígena, portanto, segundo o autor, é ser a portadora da boa notícia do reencontro, pois, ela não destrói a memória na medida em que a reforça e adiciona ao repertório tradicional a outros acontecimentos e fatos que atualizam o pensamento ancestral. Assim, pensar a Literatura Indígena, para o autor, é pensar o movimento que a memória faz para apreender as possibilidades em mover-se em um tempo que a nega e que nega os povos que a afirmam.

Desse modo, Dorrico et al, (2018), salienta que a Literatura Indígena contemporânea desenvolvida a partir da década de 1990 é um dos fenômenos político- culturais mais importantes da nossa esfera pública e se insere na dinâmica ampla de ativismo, de militância e engajamento de povos historicamente marginalizados e invisibilizados por parte da sociedade. Essa Literatura é mais um passo da luta por um protagonismo público, político e cultural enquanto núcleo de sua reafirmação como grupo, em consequência, do enfrentamento da situação de exclusão e violência.

Os escritores indígenas aliam-se diretamente ao movimento indígena brasileiro, que emerge em meados de 1970, com a intenção de publicitar e, em consequência, de politizar a luta dos povos indígenas no país como forma de reação aos projetos de expansão socioeconômicos dinamizados pelos governos militares nas regiões Norte e Centro-Oeste.

Nesse sentido, a Literatura Indígena visa, sobretudo, a enunciação da expressão indígena e para a reafirmação do caráter de resistência, pois a Literatura Indígena direciona as vozes silenciadas ao longo dos mais de 500 anos de colonização. O dizer pede passagem e respeito, reivindicam direitos e age esteticamente. É, portanto, um dizer real e imaginativo, vai à floresta e a estampa nas metrópoles e no mundo urbano.

Dorrico, (2018), salienta que essas vozes indígenas na Literatura brasileira revelam uma

potência narrativa que protagoniza o sujeito indígena na literatura e em outros segmentos, como as artes plásticas, na música, na crítica literária, na política etc. Assim, os autores indígenas podem ressignificar a representação realizada por outrem, desde o século XIX, responsável por apoderar no imaginário da nação brasileira um estereótipo alheio e negativo sobre eles.

Desse modo, Dorrico (2018), aponta ainda que a Literatura Indígena brasileira contemporânea comporte uma multiplicidade de autores e de vozes, de temas, de resistência e, sobretudo, de uma autoexpressão criativa irrigada e orientada pela ancestralidade e pelas tradições indígenas.

Espera-se que aqueles que tenham acesso às obras da literatura indígena, desde textos virtuais a livros publicados, percebam que as palavras ancestrais fazem parte da identidade nacional e da história da nação brasileira.

PREMISSAS E POSSIBILIDADES DA APROXIMAÇÃO ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA

Das premissas e possibilidades da aproximação entre Geografia e Literatura pode-se constatar os estudos de Chaveiro e Lima (2016), os quais evidenciam que a aproximação ocorre justamente no quesito da densa relação entre vida e espaço que através do diálogo podem promover um aprofundamento nas suas interpretações da realidade. Esse aprofundamento pode ter vários lados: para os povos indígenas um chamado para valorizar a sua cultura e para não se dissolverem na cultura urbana; e para os Outros a reivindicação do respeito aos direitos indígenas.

A Literatura contribui, segundo os autores, ao ser desprovido de intenções científicas e da obrigação metodológica, assim, o literato pode construir uma seiva de uma imaginação ficcional e sua ferramenta é a palavra escrita, a qual ele age sobre o mundo criando imagens em forma de narrativa. Pode-se observar nas palavras dos autores como essa contribuição da literatura ocorre. Chaveiro e Lima (2016, p. 54) afirma que:

A Literatura pode ser concebida “como escuta e voz do mundo”. Em outros termos: na ficção reside parte da realidade humana, como fantasia, o desejo, a transgressão, os registros do inconsciente, que movem o mundo e traduzem inscrições da cultura que não se enxerga e não transparece nas objetividades das formas espaciais. E a realidade penetra a ficção como força que desafia, tanto limita quanto possibilita a capacidade de criar e transgredir da intenção literária.

Assim, a proposta dos autores ao promoverem essa aproximação entre Geografia e Literatura os conduz a seguinte síntese: tomar a existência fundada na tessitura da vida, sem levar em consideração como o modo de produção capitalista, pode nos cegar para interpretações das causas sociais e históricas que criam e afirmam as desigualdades sociais, a violência e a produção da pobreza (Chaveiro e Lima, 2016). Sendo assim, o encontro entre Geografia e Literatura para os autores é uma possibilidade de intersecção do todo histórico, ou seja, as formações sócioespaciais.

Lima (2016), ao tratar da aproximação entre Geografia e Literatura aponta que quando se adentra aos estudos do pensamento geográfico percebe-se que a literatura sempre foi uma forma de interpretação geográfica. E, ao resgatar alguns apontamentos sobre os rumos que o pensamento geográfico tem-se direcionado, a autora reitera que a literatura na sua diversidade de gêneros, oferece recursos simbólicos para a leitura do espaço, do lugar e do sujeito. A autora reforça que a aproximação entre Geografia e Literatura promove a ampliação intensiva nas formas de ler e interpretar o espaço e os sujeitos.

No entanto, quando se entra na história do pensamento geográfico percebe-se em trabalhos de viajantes, naturalistas e expedicionários que a literatura sempre foi uma fonte de interpretação geográfica e que grandes pensadores do campo geográfico não separaram a narrativa geográfica da narrativa literária, nas interpretações de paisagens, territórios, regiões e espaços.

Ainda Lima (2016), evidencia que é importante destacar que a aproximação ativa entre Geografia e Literatura não permite confundir esses dois campos, muito menos criar uma medida hierárquica, mas promover uma ampliação intensiva no modo de ler o espaço e o sujeito. Assim, pode-se apontar como premissa, segundo a autora: o pressuposto de que a mediação entre Geografia e Literatura concebe a narrativa literária e seus estilos, características, composições, conteúdos e de forma especial seus sentidos, usos e apropriações como partes objetivas do mundo.

O fortalecimento da aproximação entre Geografia e Literatura atualmente no Brasil ocorre a partir de estudos realizados pelos seguintes estudiosos: Eduardo Marandola Jr. (Unicamp), Maria Geralda de Almeida (UFG), Oswaldo Bueno Amorim Filho (PUCMG), Cássio Viana Hissa (UFMG), Cláudio Benito Ferraz (UFGD/UNESP), Lúcia Helena Gratão (UEL), Carlos Augusto Monteiro (UFSC), Roberto Lobato Corrêa (UERJ), Júlio César Suzuki (USP), Eguimar Felício Chaveiro (UFG) entre outros. A partir dos estudos desses autores foi criado o núcleo de pesquisa *Geoliterart*, com sede na USP, com o objetivo de abrigar o conjunto de debates de pesquisas sobre o tema.

Lima (2013) aponta ainda que as pesquisas desenvolvidas no âmbito da Geografia e Literatura abordam das categorias geográficas: paisagem, fronteira, espaço, lugar e cidade. O crescimento nacional e internacional desse campo se junta a outros campos, entre os quais a geografia urbana, agrária, cultural.

Chaveiro (2015) salienta que a aproximação entre Geografia e Literatura pode contribuir para que os geógrafos pensem a geografia como dizer e questionem o dizer da geografia, pois para o autor buscar

defender uma dizibilidade além de superar os esquemas abstratos e burocráticos da escrita geográfica, pode-se constituir modos de interpretar a dramaticidade das formas de existência na sociedade contemporânea. Ainda, enfatiza em seus estudos os pressupostos de que a voz literária pode enriquecer a ação científica e pode contribuir para com a teoria do conhecimento que almeja romper as dualidades entre subjetividade e natureza, espaço e sujeito.

Para o autor, a aproximação entre Geografia e Literatura em termos de estrutura de linguagem e de organização das esferas do conhecimento, expressa o entrançar do conceito, criado dentro da academia, ao mundo da experiência humana. Na experiência humana pode-se conceber o que é crucial no trabalho literário. Desse modo, pode-se concluir que para Chaveiro (2017), a Literatura apresenta possibilidades para a Geografia, para o geógrafo questionar o dizer da geografia, saindo da burocracia do mundo acadêmico e também valer-se da experiência da narração proveniente da literatura.

Portanto, a Literatura, ao descrever a relação entre o ser humano e o espaço, possibilita também que o leitor faça uma leitura da sua própria realidade. Nesse sentido, o leitor pode se reconhecer nas personagens e identificar elementos com os quais se identifique e esses elementos podem estar relacionados a várias vertentes da vida humana, tanto social, cultural ou econômica. Assim, ao ler e analisar uma obra literária cada leitor poderá fazer diversas análises espaciais.

Desse modo, observa-se que a aproximação entre Geografia e Literatura oferece possibilidades para a leitura e interpretação do espaço, das paisagens. Possibilita ao geógrafo sair do mundo acadêmico burocrático, ampliando e intensificando as leituras do espaço geográfico.

COMO OS GEÓGRAFOS LÊM A LITERATURA

Também é preocupação deste trabalho mostrar como os geógrafos lêem a Literatura e especificamente a Literatura Indígena e para realizar esta tarefa faz-se uso do método da análise contextual de Berdoulay (2003), e segundo esse método para os geógrafos lêem e interpretarem as narrativas literárias é importante que sigam seis passos fundamentais, são eles:

Primeiro passo: A produção interna do texto tem haver com o contexto social.

Segundo passo: Há sempre permanências e há sempre mudanças.

Terceiro passo: Não há dicotomia entre os fatores internos e externos.

Quarto passo: Não há superioridade de um texto.

Quinto passo: Identificar no texto as principais questões do mundo.

Sexto passo: Verificar mais que no enunciado as razões do texto.

De acordo com o método da análise contextual de Berdoulay (2003), esses são os passos que os

geógrafos utilizam para ler a literatura. Assim, com o primeiro passo os geógrafos percebem que na produção literária a construção interna do texto tem relação com o contexto social, o geógrafo observa os elementos do texto que indicam o contexto social a qual o autor está inserido.

No caso das obras dos escritores indígenas podemos observar o contexto social que estes autores estão inseridos. Como por exemplo, com a migração dos índios para as grandes metrópoles, estes índios tornam-se desaldeados, ou seja, saem das aldeias e vão para as metrópoles em busca de melhores condições de vida. Assim, segundo a abordagem contextual, o contexto, então, explica melhor a originalidade da síntese de uma série de ideias sustentadas por um indivíduo ou por um grupo.

O principal fato que causou a migração dos indígenas para as metrópoles foi o processo de urbanização do Brasil, tal processo teve início no século XX, a partir da industrialização, o que intensificou o deslocamento da população rural para as áreas urbanas, pois, gerou muitas transformações socioespaciais no país, dentre elas destacam-se: o crescimento da quantidade de cidades, o desenvolvimento das redes de transporte e comunicação que passaram a interligar todas as regiões do Brasil, o crescimento desordenado do espaço urbano que crescia sem nenhum planejamento, provocando diversos problemas ambientais e estruturais, a formação de favelas nas quais a população de baixa renda se fixava em razão da baixa valorização dos terrenos e a acentuação das desigualdades sociais nos centros urbanos.

Com o avanço da modernização os povos indígenas passaram a enfrentar diversos tipos de problemas, tais como: miséria, violência, alcoolismo, entre outros. Isso causa a migração de muitos indígenas de suas aldeias para as grandes cidades. Segundo Eliane Potiguara (2004), além do processo de colonização houve no Brasil o processo de Neocolonização. Período em que o interior do Brasil passou a ser ocupado acabando então, de diversas formas com as comunidades indígenas, período que perdurou até meados do século XX.

Assim, nesse momento ocorre a intromissão de inúmeros segmentos, como: madeireiros, garimpeiros, mineradoras, hidrelétricas, rodovias, latifundiários, entre outros. Com isso, começa o processo intensivo de desmatamento, assoreamento dos rios, a poluição ambiental, a diminuição da diversidade local, o que levou para as aldeias enfermidades, fome e o empobrecimento da população indígena.

O século XX foi marcado pela industrialização global, mas esse processo vem ocorrendo de forma desenfreada, atrelada a busca pelo lucro imediato, ou seja, sem nenhuma preocupação com o meio ambiente e muito menos com as causas das populações tradicionais. Todo esse processo fez com que as aldeias tivessem seus espaços reduzidos. Desse modo, percebe-se que a expansão da fronteira agrícola verificadas nas décadas de 1970, do século XX, e a construção de diversas rodovias, implicam no deslocamento os povos indígenas das terras que tradicionalmente ocupavam.

Sendo assim, o contexto do processo de modernização do país é uma das causas da migração de povos indígenas de suas aldeias de origem. Outro fator que provoca o processo migratório dos indígenas é a possibilidade de educação, o que permitiu a estes indígenas, como o exemplo de Daniel Munduruku,

escrever. Utilizar a palavra para contar e recontar suas histórias. Outro exemplo importante é o de Eliane Pontiguara, escritora indígena que utiliza a escrita para lutar por essas causas. Assim, os indígenas passaram a ter experiências com a educação o que originou o movimento dos escritores indígenas.

O segundo ponto, de acordo com esse método é que sempre há permanências e sempre há mudanças nos textos desses autores, ou seja, as percepções das origens sempre vão permanecer, no entanto, as mudanças se tornam evidentes a partir do momento que esses autores passam a fazer leituras e interpretações do espaço a partir do viver nas grandes cidades, a partir das experiências urbanas, das experiências com a educação, com o mundo das palavras, com a escrita. Tudo isso faz com que surjam novas análises e novas interpretações do espaço, por parte desses autores.

Na obra “*Sabedoria das águas*”, de Daniel Munduruku, é possível perceber as permanências e mudanças na narrativa. As permanências aparecem quando ao final da narrativa o personagem principal decide não abandonar suas tradições, sua cultura para se aventurar no novo. Percebe-se a importância da cultura, da tradição e da ancestralidade para esses povos. As mudanças não ficam totalmente evidentes nessa obra, pois essas mudanças podem estar relacionadas ao distanciamento dos índios de suas tradições, o que ocorreu com o processo migratório de indígenas para as grandes metrópoles.

No terceiro ponto, os geógrafos constatam que não há dicotomias entre os fatores internos e externos nos textos dos escritores indígenas, ou seja, nas obras desses escritores não há separação entre os fatores internos e externos em seus textos, pois podemos observar que não há diferenças na forma de escrever desses autores.

Nesse sentido, percebe-se os fatores externos para ver os internos, por exemplo, o consumo da água na atualidade. A água como tema relevante para a construção de narrativas que possibilitem análises geográficas. A água por ser um importante e vital elemento da natureza, é um recurso de caráter eminentemente estratégico, apontado por muitos autores como grande pivô das disputas geopolíticas da atualidade. E os povos indígenas sempre tiveram uma relação de respeito com a água, tratando-a como algo sagrado, algo que deve ser referenciado. Nesse sentido, defendem a preservação dos rios e criticam os projetos de privatização e venda dos mananciais e aquíferos, essas manifestações indígenas ocorreram no 8º Fórum Mundial da Água.

Essa relação de respeito com a água é passada de geração em geração, desde os ancestrais. Assim, a temática da água se tornou de extrema relevância por ser indispensável para a sobrevivência de todos os seres vivos, para o funcionamento de ecossistemas e a reprodução física e cultural de comunidades indígenas. Para essas comunidades a água é utilizada na criação de animais, irrigação agrícola, lazer, transporte, pesca, navegação, entre outros meios de sobrevivência desses povos. Além disso, a água tem uma dimensão existencial e é usada como símbolo material, espiritual e social, em suas tradições, crenças e costumes. E, essa relação que os povos indígenas têm com a água está ameaçada pelas

grandes empresas industriais e agropecuárias. Desse modo, a água se torna um grande tema, tanto para as narrativas literárias quanto para os geógrafos.

O geógrafo ao observar um texto literário percebe que não há superioridade de um texto sobre outro, pois os textos sempre vão apresentar um contexto e provavelmente contar uma história, um conto, um poema. A leitura permite compreender algo central: a luta pela vida é uma luta de linguagem. Defender a própria voz, construir meios para propagá-la, defender o seu modo de dizer são instâncias políticas que são realizadas na dialogicidade, isto é, no entrançamento de gêneros, estilos e modos.

Ainda de acordo com esse método de análise, outro passo que o geógrafo deve utilizar para ler a literatura é identificar no texto as principais questões do mundo, pois visam quais questões centrais o texto aborda, quais ideias o autor utiliza para tratar sobre determinados assuntos e como esse assunto é tratado pelo mesmo. Assim, o geógrafo deve fazer uma leitura e uma interpretação geográfica do texto literário. E, o geógrafo deve verificar mais do que o enunciado do texto, deve verificar quais as razões do texto, ou seja, os porquês que levaram o autor a escrever determinado texto. Como por exemplo: O que levou Daniel Munduruku a escrever suas obras? O que o levou a tratar da questão da natureza? Enfim, assim, o geógrafo apresenta abordagens geográficas a partir da análise de uma narrativa literária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após leituras, pesquisas, estudos, análises e reflexões realizadas sobre a temática Literatura Indígena, faz-se necessário apontar os resultados alcançados com a pesquisa.

Na revisão da literatura realizada, observamos que a temática ainda é pouco abordada, o que torna extremamente necessário prosseguir nesta temática em outros momentos. A pouca produção confirma todo o processo histórico de dizimação física e silenciamento cultural vivenciados pelos povos indígenas. Assim, a Literatura Indígena e seus autores procuram usar da caneta para divulgar sua cultura, para lutar pelas suas causas, para se autoafirmar como grupo, para ser resistência.

Portanto, esperamos que esse trabalho tenha evidenciado a importância da valorização da cultura indígena, bem como a necessidade de compreender como a Literatura e a Geografia se aproximam e juntas conseguem explicar essas relações espaciais vivenciados por esses povos na sociedade atual.

Com esta pesquisa verificamos também, que a aproximação entre Geografia e Literatura se dá justamente no quesito da densa relação entre vida e espaço e através do diálogo podem promover um aprofundamento nas suas interpretações da realidade. Segundo Lima (2016), a Literatura contribui por ser desprovida de intenções e da obrigação metodológica, assim o literato pode construir uma seiva de imaginação ficcional e sua ferramenta é a palavra escrita. Assim como as águas do rio se movimentam em seu curso, as palavras do texto narrativo se movimentam para construí-lo. Na obra analisada, de autoria indígena, a água mostra toda sua sabedoria construindo ao longo de seu percurso narrativo um

chamado aos índios que ainda não se reconhecem enquanto indivíduo social construtor do país que atualmente os invisibilizam.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine da Costa (Orgs.). **Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia: Editora Vieira, 2008. P.313

ALMEIDA, Maria Inês de. “Livros da Floresta”. In: ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIRÓS, Sônia. **Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

_____. **Desocidentada: experiência literária em terra indígena**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BERDOULAY, V. **A abordagem Contextual**. Espaço e Cultura, 2003.

CARVALHO, J.C.P. **Etnocentrismo: inconsciente, imaginário e pre-conceito no universo das organizações educativas**. Interface, v.1, n.1, p.181-186, 1997. Disponível em: <<http://www.interface.org.br/revista1/debates2.pdf>>. Acesso em: 17/02/2019.

CHAVEIRO, E. LIMA, S. **Escritores Indígenas e Produção Literária no Brasil: sujeitos em movimento**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Goiás. Goiânia. UFG, 2016.

CHAVEIRO. Eguimar Felício. **A dança da natureza e a ruína da alma: geografia e literatura – uma leitura possível**. Revista Ateliê Geográfico Goiânia-GO v. 1, n. 2, dez, p.174-186, 2017.

_____, Eguimar Felício. **Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos**, Geograficidade, v.5, n.1, Verão, 2015.

CIMI. **Relatório Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil – dados de 2018**. Disponível em: <https://cimi.org.br/2019/09/a-maior-violencia-contr-a-os-povos-indigenas-e-a-apropriacao-e-destruicao-de-seus-territorios-aponta-relatorio-do-cimi/>>. Acesso em: 20/06/2019.

DARCY, R. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995- 1996.

DORRICO, Julie. DANNER, Leno, Francisco. DANNER, Fernando. **Indígenas em movimento. Literatura como ativismo.** Remate De Males. 2 EDIÇÃO. 2018.

FRANCA et al, Aline, Silveira, Naira Christofolletti, **A representação descritiva e a produção literária indígena brasileira.** *Transinformação* [online] 2013, 26 (Abril-Sinmes): [Fecha de consulta: 17 de fevereiro de 2013] Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.Oa?Id=384334898007>> ISSN 0103-3786.

LIMA, Sélvia. C. **Escritores Indígenas e Produção Literária no Brasil: Sujeitos em movimento.** Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Goiás. Goiânia. UFG, 2016.

LIMA, Angelita. P. **Romancidades: Sujeito e Existência em Leituras Geográficas- Literárias nos Romances A Centopeia de Neon e os Cordeiros do Abismo.** Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Goiás. Goiânia. UFG, 2013.

MUNDURUKU, Daniel. **Literatura Indígena e o tênue fio entre escrita e oralidade.** 2008. Disponível em: www.overmundo.com.br/overblog/literatura-indigena. Acesso em: 08/01/2018.

ONU. Assembleia Geral das Nações Unidas. Convenção das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento sustentável. 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/nacoes-unidas-alertam-para-violencia-contr-povos-indigenas-mundialmente/> . Acesso em 18/10/2018

POTIGUARA, Eliane. **Minha pedra verde.** Revista Triplov, Arte, Religiões e Ciências. Nova Série. 2011

_____, Eliane. **Metade cara, metade máscara.** São Paulo: Global Editora. 2004.

SOBRE A AUTORA

Damiana Pereira de Sousa

Mestra em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (2019). Possui especialização em Educação em Astronomia também pela Universidade Federal de Goiás (2016). E graduação em Geografia pela mesma instituição (2013). Participa do Grupo de Estudos Espaço, Sujeito e Existência (Dona Alzira) do Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais (LABOTER). Tem experiência em ensino de Geografia e Astronomia.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/2935858929184117>

Recebido em outubro de 2019.
Aceito para publicação em dezembro de 2019.
Publicado em março de 2020.